

Sem Além

Um apontamento sobre a finitude da existência*

PEDRO G. LIND**

De tudo houve um começo... e tudo errou...
in «Quase», MÁRIO DE SÁ CARNEIRO

Porque eu sou do tamanho do que vejo.
in «Guardador de Rebanhos», ALBERTO CAEIRO

1. Introdução

O autor deste texto será uma das pessoas menos recomendáveis para escrever na *Theologica*. Não tenho formação académica nem em filosofia nem em teologia. Não tenho um conhecimento sistemático deste tópico que me permita exigir a atenção da audiência desta revista. Assumindo-me como ateu, serei em

* Poderá estranhar-se que esta revista insira no seu conteúdo um artigo de um ateu confesso. No entanto, não nos parece descabido nem inconveniente. Primeiro, porque o autor, materialista confesso e assumido, defende, coerente e honestamente, o seu modo de ver o problema do além da morte de modo totalmente respeitoso em relação aos crentes que defendem a existência de uma vida eterna. Segundo, porque as ideias expostas se inscrevem na dinâmica do diálogo com os não crentes, diálogo que hoje a Igreja propõe aos seus filhos, sendo que a estes pode e deve interessar conhecerem o ponto de vista de quem pensa diferentemente deles. Foi aliás nesta perspectiva – perspectiva típica de um «átrio dos gentios» – que o autor participou, a convite, na XXI Semana de Estudos Teológicos da Faculdade de Teologia-Braga, fazendo, em mesa redonda e com vista ao diálogo, o contraponto do ponto de vista do crente, apresentado pelo Prof. João Duque. Nota da Direcção.

** Universidade de Lisboa

primeira aproximação uma espécie de anti-autor para um texto desta índole. Todavia, precisamente por ser ateu e colocar-me em oposição a várias perspectivas teológicas da realidade, por certo mais frequentes nesta publicação, pode o texto que se segue ser de interesse ao debate teológico alargado. Caberá aos leitores da *Theologica* confirmar ou desmentir esta afirmação.

A questão que abordarei é sobre a existência de vida eterna e é, sem dúvida, uma questão transversal a todos os seres humanos, quer individualmente quer como parte integrante de uma determinada cultura. Por isso, também os mais afastados de posições religiosas terão os seus argumentos e hermenêuticas próprias. Aliás, para me assumir como ateu, esta será sem dúvida uma pergunta à qual terei de responder. Existe vida para além da morte? A minha resposta é, naturalmente, negativa. Não, não existe, e, no restante do texto procurarei expor os argumentos fundamentais que me levam a tomar esta posição.

Antes disso quero salientar dois pontos.

Primeiro, que em nenhum momento pretenderei tratar de fenómenos vulgarmente designados por experiências de morte iminente ou experiências além-morte. Este tipo de supostos fenómenos é divulgado em muitas centenas de volumes que, na minha opinião, alimentam o objectivo do lucro fácil num mercado editorial que mais não faz que contribuir para o entretenimento do leitor com textos ficcionados ou, pelo menos, insuficientemente fundamentados. Neste contexto, valerá a pena outro tipo de leituras, mais sérias, sobre os fenómenos bioquímicos no cérebro humano, que remeto para bibliografia, a título de sugestão, sem mais nenhuma discussão adicional¹, por ser paralelo à questão tratada neste texto.

Segundo, que não tenciono com este texto divulgar a minha perspectiva pessoal sobre este assunto no sentido de convencer o leitor da sua maior ou menor verosimilhança ou consistência face a outras perspectivas. Kant coloca o conceito de Imortalidade como um dos princípios *a priori* da razão prática, juntamente com Deus e com a Liberdade. Não pode por isso ser uma questão passível de obedecer a um teste de validação, com uma única resposta verdadeira de sim ou não. Quer a posição de um crente quer a posição de um ateu relativamente a este assunto tem argumentos racionalmente fundamentados assim como inconsistências que se traduzem em questões que ficam por tratar ou responder.

O texto coloca portanto nos dois pratos de uma balança duas afirmações que se excluem mutuamente: *há vida para além da morte* ou *há morte para além*

¹ D. MOBBS, C. WATT, «There is nothing paranormal about near-death experiences: how neuroscience can explain seeing bright lights, meeting the dead, or being convinced you are one of them», *Trends Cogn Sci.* 15 (10) 447-9 (2011).

da vida, subentendendo-se o «para além» como a colocação de vida ou morte, consoante o caso, na posição última do encadear de estados da existência. Procurarei mostrar, por um lado, quais são as inconsistências da primeira afirmação e, por outro, quais são os argumentos em favor da segunda. Caberá a alguém com a perspectiva contrária da minha, complementar este texto com um outro, expondo os seus argumentos e apontando as inconsistências que daqui eventualmente emergirem.

2. O ponto de partida

Um ponto de partida, para que possa ser tido como ponto de partida, deverá ter um cariz axiomático independente do que se pretenda defender posteriormente. Nesta exposição, o ponto de partida cinge-se ao facto de que a morte existe. Cada um que ler estas linhas concordará que um dia irá morrer. O meu ponto de partida é portanto, a existência da morte.

Posto isto, coloco a segunda questão: o que é isso que chamamos de morte e que concordamos ser algo inevitável na nossa existência? Poder-se-ia definir morte de uma forma mais concreta, propondo a definição de morte biológica ou de morte física, material. Seria uma definição possível. De uma forma mais abrangente, embora associada ao sujeito humano, a morte enquanto conceito deverá incorporar as ideias que ao longo da nossa história fomos associando à palavra que escolhemos para designar esse conceito. E que percepção temos nós da morte? O que significa morrer?

Na língua portuguesa, por exemplo, sinónimos de morte são o falecimento ou o *passamento*. Morrer significa *passar* para um outro estado diferente. E de facto essa percepção opõe-se à percepção oposta daquilo que é a vida. Na língua alemã a palavra para viver é *leben*, palavra oriunda do proto-germânico *libam* ou *leip*. Esta última originou no gótico o termo *bi-leiban* que em alemão significa *bleiben*, ou seja, permanecer, ficar.

Viver será assim permanecer neste estado em que, agora, cada um de nós está, com tudo o que é e faz, e, em oposição, morrer será passar para um outro estado diferente deste. No que se segue tomarei como estes os conceitos de vida e morte.

3. A afirmação mais desejada

Estabelecido o que se entende por vida e morte, retomamos a balança com as duas afirmações acima: existe alguma pela qual nutramos uma preferência natural? Esta questão poderá parecer desnecessária agora, mas mostrará o seu papel de forma clara nas secções seguintes.

A questão encontra algum eco na chamada «Aposta de Pascal», no seu segundo artigo dos *Pensamentos*². De forma sucinta, Pascal apresenta um argumento utilitarista para a crença em Deus: acreditar em Deus é sempre mais conveniente do que não acreditar, pois se Deus não existir, não perdemos nada, e, se existir, ganhamos tudo.

Também aqui, existe claramente uma assimetria na preferência por uma das duas afirmações na balança, caso nos fosse dado a escolher qual aquela que é verdade. Creio ser unânime a afirmação de que, em geral, todo o sujeito humano querará permanecer vivo, e, em última análise, ter a vida como estado preenchedor de toda a eternidade. E isto quer sejamos crentes, quer sejamos ateus. Mesmo que assumamos o ser humano como exclusivamente contingente, todos de alguma forma aceitamos que, à partida, perante o lugar inexorável da morte num horizonte finito do futuro, a existência de vida para além desse horizonte é, sem dúvida, mais reconfortante do que perspectivar uma eternidade vazia da nossa existência. Que mais não seja porque é enquanto vivos que nos conhecemos e identificamos; não podemos por isso deixar de *desejar permanecer* nesse estado.

Assumamos então que *há vida para além da morte*. Que consequências resultam dessa afirmação?

Em primeiro lugar, parece existir uma inconsistência: a vida para além da morte, será necessariamente um estado diferente da vida tal como a conhecemos. A vida, tal como a conhecemos, e enquanto estado de permanência, não pode permanecer após a morte. Caso contrário a morte não seria morte tal como a definimos, i.e. passar, deixar o estado presente. Se a nossa vida, a vida de cada um, continua para lá da nossa morte, então não existe morte tal como a concebemos. O pressuposto da transcendência poderá aqui resolver a inconsistência: existe uma identidade do que somos no presente, na vida tal como a conhecemos, que se perpetua. A morte, enquanto término da *permanência*, será somente a morte de uma parte daquilo que nos define, a parte mais material, mais biológica. O que se perpetua transcende o que somos material e biologicamente. Será nesta linha de argumentação que surge o conceito de alma, que denomina a parte que se perpetua. E conseqüentemente, a alma de cada um, a parte de cada um passível de viver para lá da morte, é algo separado do corpo, algo que existe numa outra dimensão e independentemente do corpo.

Em segundo lugar, se aquilo que vive além da morte tem uma existência num plano diferente do plano meramente biológico e se ela é o derradeiro fim da existência, pergunta-se porquê um plano biológico? Se na incomensurabilidade da eternidade a alma de cada um foi parte de uma existência biológica durante

² PASCAL, *Pensamentos*, 1669 (Trad. Europa-América, Lisboa, 1998).

um período de tempo finito, infinitamente mais pequeno que a eternidade, que relevância tem a finitude da nossa vida humana? Porque não riscar pura e simplesmente esse período de tempo? Porque não apagar o lapso de tempo finito da nossa existência biológica e remeter directamente a alma para a sua existência eterna, anulando desta forma toda e qualquer morte? Alguma argumentação teológica afirma que, embora finita, a existência biológica é necessária à alma, pois é o que lhe dá forma e conteúdo. Por isso é verdadeiro também, nesta linha de argumentação, que alma não existe sem o corpo, porque precisa dele para ganhar forma e conteúdo. A alma terá assim uma forma e conteúdo imutáveis por toda a eternidade, auferidos durante o lapso de tempo finito em que co-existiu com um corpo biológico.

São dois aspectos que podem, melhor ou pior, ser fundamentados. Outras questões ficarão por responder. Por exemplo, se a alma não resulta da dimensão biológica e material do indivíduo, de que forma se pode entender a sua relação com a «identidade pessoal», uma vez que o que somos material e biologicamente também é uma parte integrante da nossa identidade? Por outro lado, se a alma existe eternamente numa outra dimensão, e se aceita a dimensão terrena da existência biológica como finita, o que é ter alma no aqui e agora da vida terrena?

Mas também estas questões e outras que delas decorram poderão, de uma forma ou de outra, ser respondidas de forma fundamentada. Aqui, obras como *A Cidade de Deus* de Santo Agostinho ou a *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino seriam referências obrigatórias.

Aliás, adicionando pressupostos sobre o que é isso que existe depois da morte e incrementando complexidade na caracterização do que poderá ser a alma ou a vida eterna, será sempre possível encontrar uma estrutura fundamentada que justifique a veracidade da primeira afirmação: *há vida para além da morte*. Porque decido então pela veracidade de que *há morte para além da vida* e não o seu contrário? Porque os respectivos argumentos, além de não me parecem menos consistentes e fundamentados, são muito mais simples e de fácil sustentação. E, perante isso, recorro ao princípio de Occam para me decidir pela afirmação que é a morte que finda a vida. Faço-o com base em dois únicos argumentos que a seguir trato separadamente.

4. Argumento Primeiro

O primeiro argumento prende-se com o ponto de partida – morremos – mas estende-o a uma variedade grande de situações. A constatação de que morremos não se cinge à nossa existência individual. Estende-se a tudo o que observamos à nossa volta. A espécie humana irá extinguir-se. Todas as espécies que habitaram este planeta tiveram um término. As espécies actuais também o terão. A própria

vida na Terra irá desaparecer, tal como o Sol, como cada estrela e como cada próton que compõe o núcleo dos seus átomos. Após o tempo suficiente, tudo, cada coisa, desaparecerá. Penso não ser possível encontrar um único exemplo que possa, sem controvérsia, defender a perspectiva contrária.

O que afirmo em relação à finitude da existência de cada entidade no tempo parece-me ser também válido para a finitude no espaço. A existência ocorre confinada a um espaço delimitado. Aliás, penso ser precisamente esta finitude, quer no espaço, quer no tempo, que confere identidade às coisas. Para que algo seja *identidem*, i.é. igual a si própria é necessário localizar e compartimentar quando e o quê é sujeito a identificação, e conseqüentemente comparar o objecto com tudo o resto exterior a ele. A finitude é necessária à identidade. Talvez por isso se argumente na perspectiva da vida eterna que a alma pode existir eternamente, mas necessita da finitude temporal do corpo para ganhar forma e conteúdo. Se a existência de cada coisa fosse infinita e eterna não seria passível de identificação nem de distinção. O todo e o particular misturar-se-iam de uma forma que nenhuma identidade poderia emergir.

O argumento primeiro resume-se assim em concluir que a morte, na sua forma mais geral, enquanto caducidade e finitude da existência, é uma constatação universal e é-o sem contra-exemplos na realidade que vivemos.

5. Argumento Segundo

O segundo argumento prende-se com a existência da própria questão sobre o que está ou não está para lá da morte: porque colocamos nós esta questão? Colocamo-la precisamente porque constatamos que a morte existe. A nossa morte irá ocorrer inexoravelmente. Foi aliás esse o ponto de partida deste texto e o cerne do primeiro argumento. Ele é também a causa da posição da própria questão sobre a vida eterna. Por constatarmos que morremos colocamos a questão sobre o que nos acontecerá depois e necessitamos de uma resposta, de decidir por uma das duas afirmações na balança.

Somos provavelmente o único ser vivo que, no desenlaçar da história geológica, evoluiu para um estado que permitiu a cada indivíduo uma percepção e consciência suficientes para conceber intervalos de tempo e espaço muitíssimo maiores do que os intervalos onde sabe a sua existência, estar, à partida, confinada. Conseguimos conceber a vida na Terra desde o seu surgimento, há cinco mil milhões de anos, um período de tempo durante o qual toda a História da nossa espécie, desde a invenção da escrita, se poderia repetir um milhão de vezes. Tudo o que somos é, de facto, ínfimo aos olhos da nossa consciência. Seria por certo mais reconfortante se Alberto Caeiro se referisse aos olhos da consciência quando falou do seu guardador de rebanhos. Mas não, referia-se somente aos nossos olhos, aos olhos de cada um. A nossa consciência vê mais

além, mas somos de um tamanho muitíssimo menor. E isso causa-nos uma angústia particular. Uma angústia que se reflecte no levantar da questão sobre o que está para lá de tudo o que efectivamente podemos conceber. Poderíamos de novo procurar um refúgio no argumento que deverá existir uma intenção na existência desta consciência e nesta angústia. Talvez a angústia seja somente um meio para a conclusão da infinitude da existência. Mas com uma outra roupagem esta não seria mais do que a rendição à afirmação mais desejada, como tratado anteriormente.

O segundo argumento baseia-se assim na existência da própria questão «existe vida eterna?». É uma questão particular, porque antecedendo a sua resposta – como aliás acontece com todas as questões – tem a particularidade de ser simultaneamente posterior a ela. Colocamos a questão porque, à partida, precisamos, queremos, uma resposta afirmativa.

6. Conclusão: a questão em aberto

Postos os dois argumentos, concluo assim que para além de qualquer vida, enquanto estado de permanência, está irrevogavelmente o seu fim, e a necessidade de argumentar no sentido contrário resulta meramente do facto de constatarmos *a priori* o fim e conseqüentemente o absurdo de cada existência.

Uma questão é agora colocada aos defensores desta posição que aqui exponho. Se, por um lado, aceitar que *há vida para além da morte* exige uma grande complexidade de argumentos e pressupostos, por outro, tem o ónus de estabelecer *ab initio* uma resposta ao sentido da existência e à necessidade de critérios para decisões que garantam permanecermos aqui: a vida terá forçosamente um sentido, porque haverá sempre vida. Aceitando que *há vida para além da morte*, torna-se trivial assumir que a vida é um estado preferencial e deverá ser no sentido de a promover que todas as nossas decisões e criterizações deverão ser derivadas.

Ao invés, o que poderá o defensor da minha posição afirmar? Se tudo o que é, deixará de ser, porquê optar para que continue a ser? Qual o sentido da minha existência, se sei à partida que ela e tudo o que ela poderá interceptar terminará mais cedo ou mais tarde? A resposta cai muito fora do escopo deste texto e portanto vou reportá-la para a bibliografia também³.

Como disse no início, a perspectiva que aqui apresentei não deve ser tomada como melhor ou pior do que a perspectiva contrária. Quer a opção do crente quer a do ateu são duas opções possíveis, porque de facto não sabemos

³ B. NOBRE e P. LIND, *Dois Dedos de Conversa Sobre o Dentro das Coisas* (Frente e Verso, Lisboa, 2013).

inequivocamente o que será depois. Todavia importante também dizer que estas não devem ser consideradas sem fundamentação racional. É a argumentação que confere a maior ou menor verosimilhança da posição de cada um. Saliento este aspecto por achar que nos dias de hoje existe uma tendência para evitar a argumentação de uma posição para afirmar, ou pelo menos procurar estabelecer, o que é ou o que não é a verdade. Citando António Martins, algures num volume anterior da *Theologica*⁴: «Que sentido tem reivindicar hoje um fundamento de autenticidade, de solidez, quando tudo é transitório, quando o critério último de vida é a subjectividade, quando a nossa compreensão do real não passa de mera interpretação circunstanciada e relativa?» Quanto a mim o sentido é precisamente garantir estrutura e solidez no aqui e no agora.

Conhecemos, cada um de nós, o desfecho da batalha que travamos ao longo das nossas vidas. Mas esse desfecho só será verdadeiramente uma derrota se não soubermos que armas usar e que decisões tomar no desbravar do terreno onde combatemos. Essas armas, essas decisões, são encontradas com um posicionamento racional em relação às questões que encontramos. É a razão que nos permitirá vencer aquando do desfecho da nossa batalha, quando morreremos. Será sempre a razão que conferirá sentido e nos colocará na posição necessária para que consigamos ser e continuar a ser.

Foi por isso que, desta forma, melhor ou pior, procurei sintetizar neste breve apontamento a minha resposta à questão da eternidade.

⁴ António MARTINS, «Cultura(s) e identidade(s) na procura da verdade», 267-283, *Theologica*, 2.^a Série, 47, 2 (2012).